

TAPETE VERMELHO: UMA ANÁLISE FÍLMICA SOBRE AS PERSPECTIVAS DE SUPERAÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR E DO PRECONCEITO CONTRA AS FAMÍLIAS DO CAMPO

Eduardo Augusto Farias¹

Marta Regina Furlan²

Resumo: O presente artigo objetiva desenvolver uma análise crítica do filme “Tapete Vermelho”, desenvolvida à luz das obras “A produção do fracasso escolar”, de Maria Helena Souza Patto; “O que é questão agrária” de José Graziano da Silva; “O que é reforma agrária”, de José Eli Veiga, entre outros autores, que dão suporte teórico para compreender os aspectos centrais do filme, com ênfase nas relações sociais e interacionais, nos aspectos que potencializam a análise da aprendizagem social dos personagens protagonistas. Compreende-se nas relações estabelecidas entre os personagens primários e secundários do filme diversas e multifacetadas expressões da questão social traduzidas nos preconceitos e juízos de valor estabelecidos e alicerçados sobre a população do campo. Dessa maneira, o filme potencializa a vontade do homem do campo de ressignificar sua vida, sua aprendizagem social e cultural, numa conjuntura adversa intensificada pela exploração massiva da classe trabalhadora e de um Estado que, de certa forma, instigava a criação do estereótipo do caipira para transformá-lo no cidadão das concepções urbanas.

Palavras-chaves: Educação. Fracasso escolar. Preconceito. Famílias do campo. Ressignificação.

RED CARPET: A FILM ANALYSIS ON THE PROSPECTS OF OVERCOMING SCHOOL FAILURE AND PREJUDICE AGAINST COUNTRYSIDE FAMILIES

Abstract: The present article aims to develop a critical analysis of the film “Red Carpet”, developed in the light of the works “The production of school failure”, by Maria Helena Souza Patto; “What is the agrarian question” by José Graziano da Silva; “What is agrarian reform”, by José Eli Veiga, among other authors, who provide theoretical support to understand the central aspects of the film, with an emphasis on social and interactional relations, on aspects that enhance the analysis of the social learning of the protagonists. In the relationships established between the primary and secondary characters of the film, different and multifaceted expressions of the social issue are understood, translated into prejudices and value judgments established and based on the rural population. In this way, the film enhances the will of the rural man to re-signify his life, his social and cultural learning, in an adverse situation intensified by the massive exploitation of the working class and of a State that, in a way, instigated the creation of the stereotype of the hillbilly to transform him into the citizen of urban conceptions.

Keywords: Education. School failure. Preconception. Countryside families. Reframing.

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Londrina - UEL. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7241-0530>

² Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina/PR. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2146-2557>

1 INTRODUÇÃO

O filme *Tapete Vermelho*, dirigido por Luiz Alberto Pereira e lançado em 2005, possui um conjunto de atores renomados em seu elenco³. O filme, a nosso ver, retrata a simplicidade do homem do campo, tido como o caipira, o caboclo, e os estereótipos repletos de intencionalidades pela lógica burguesa e que foram sistematicamente conduzidos às famílias do campo. A análise do fracasso escolar no sistema de educação brasileira é atravessada por elementos centrais do filme e, se encontra presente na intersecção entre o colonialismo, o racismo, o patriarcado, a desigualdade social no acesso à educação para a população do campo e a perspectiva de reforma agrária tão vislumbrada na alfabetização popular instrumentalizada por Paulo Freire e tão temida após o Golpe de 1964 pela ditadura militar.

Zulmira interpretada pela atriz Gorete Milagres é a mulher de Quinzinho que chama e aclama por seu filho Neco (Vinicius Miranda), gritando do quintal da casa simples do sítio, ao som do canto das galinhas cacarejando. O marido Quinzinho se incomoda com o grito da mulher, dizendo que estais intertido, lembrando da vida, no “mundo da lua”, tal como diz sua esposa e, pergunta o que você quer com esse menino. Zulmira afirma que precisa de uma rã do brejo para curar o menino da Benedita que está com os glóbulos inflamados.

Zulmira é mulher forte, inteligente, decidida, mas que ama seu marido Quinzinho e acaba se submetendo as suas vontades, traz consigo a cultura do benzimento, da mulher que tem o conhecimento ancestral das ervas, dos chás e da natureza, da vida sofrida que viveram as mulheres do campo da década de 1970 e 1980. Esses conhecimentos ancestrais, atualmente, na sociedade contemporânea

³ Vinicius Miranda (Neco); Gorete Milagres (Zulmira), Matheus Nachtergaele (Quinzinho); Fernanda Ventura (Benedita); Manoel Messias (Adão); Martha Meola (D. Rosa); Cacá Amaral (Seu Marcolino); Amácio Mazzaropi; Paulo Betti (Aparício); Rosi Campos (Maria); Aílton Graça (Mané Charreteiro); Cássia Kiss (Tia Malvina); Débora Duboc (Sebastiana); Paulo Goulart (Jeremias caminhoneiro); Cacá Rosset (Dono do cinema); Jackson Antunes (Gabriel); Duda Mamberti (Turco do Armazinho); entre outros atores talentosos. O gênero do filme é uma comédia, com música de Renato Teixeira, Direção de fotografia de Uli Burtin, Direção de arte de Chico de Andrade, Figurino de Carol Li e David Parizotti, Roteiro de Luiz Alberto Pereira e Rosa Nepomuceno, Argumento de Luiz Alberto Pereira, Produção Executiva de Ivan Teixeira e Vicente Miceli e Edição de Júnior Carone.

são usados, mas com frequência menor, por conta do avanço da ciência e da produção de medicamentos para indústria farmacêutica.

A obra analisada nos apresenta com a vida no sítio, a roça, as casas repletas de simplicidade e aconchego da área rural, do interior, destacando o personagem de Matheus Nachtergaele - o Quinzinho, homem simples, honesto e trabalhador que reflete sobre sua vida cotidiana ao canto da música “A dor da saudade”, composta em 1959 para o filme Jeca Tatu. “A dor da saudade quem é que não tem, olhando o passado quem é que não tem saudade de alguém”... Quinzinho é sonhador, de cultura patriarcal, machista, entretanto ao seu modo ama seu filho e sua esposa acima de tudo. Pensa na saudade de seu velho pai já falecido, da saudade da cultura rural que estava sendo exterminada pelo projeto de Estado em curso no qual a perspectiva da reforma agrária tão vislumbrada na alfabetização popular instrumentalizada por Paulo Freire passa a ser tão temida após o Golpe de 1964 pela ditadura militar e a cultura trazida por Mazzaropi passa a ser vista no decorrer dos anos de chumbo como antiquada, como vulgar, levando as pessoas tidas como caipiras enfrentarem preconceitos e estereótipos a partir de seu local de cultura, de seu território de vivências, ou seja, suas raízes rurais.

A partir disso, esse texto objetiva de modo geral desenvolver uma análise crítica do filme “Tapete Vermelho” e, refletir sobre as possíveis confluências com a superação do fracasso escolar e do preconceito contra as famílias do campo. Para isso, o texto se divide em dois momentos significativos. No primeiro momento, discorre-se sobre o preconceito autoritário em direção à valorização do homem do campo à luz da metáfora do Tapete Vermelho. No momento segundo, destaca-se pontos relevantes para um trabalho pedagógico a ser desenvolvido em sala de aula com os estudantes.

2 DO PRECONCEITO AUTORITÁRIO À VALORIZAÇÃO DO HOMEM DO CAMPO PELA METÁFORA DO TAPETE VERMELHO

Quinzinho é um homem da terra, de perspectiva rural, pequeno produtor do campo e trabalhador rural, hoje denominado pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) como: trabalhador agrícola polivalente. O protagonista traz

consigo a saudade de seu tempo de menino, que está tudo diferente na roça, só o pobre que não muda, buscando elementos para entender a divisão de classes, do êxodo rural e, que a igualdade nunca irá acontecer.

E que, segundo Martins (1975 *apud* Patto 1999, p. 103) “a economia colonial é o fundo de contraste sobre qual o capitalismo dependente esboça os contornos sobre o caipira, estabelecendo os fundamentos modernos de sua estigmatização”.

Percebemos ainda hoje elementos desse processo colonizador nas relações sociais tidas em nosso país mediante as raízes do Brasil e o processo de colonização e tutela que será colocado sobre os sujeitos sociais, especialmente os negros, os indígenas e posteriormente a população pobre. O caboclo então é fruto do processo de miscigenação construído a força num país onde a colônia se submete aos ditames da classe dominante que se articula aos países imperialistas, mantendo sob o seu domínio a economia de mercado e a cultura que deve disseminada no país.

O menino Neco interpretado por Vinicius Miranda é apresentado com a liberdade de chegar correndo pelos locais do sítio realizando sua “leitura de mundo” (FREIRE, 2011), a mãe que então é benzedeira fala para o menino levar uma benzimento para a Benedita e dar o recado, de que mais tarde ela passaria para benzer a criança. Pessoas de área rural sempre tiveram a cultura de fazer promessas para os santos católicos misturando-se essa prática a cultura dos benzimentos, o sincretismo está presente na cultura brasileira.

O modelo de família apresentado é nuclear, que tem propensão conforme as suas necessidades, com todos sentados a mesa para o almoço. O pai Quinzinho propõe a sua família, composta por sua esposa e seu filho único, que quer levar o menino Neco no cinema para ver o filme do Mazzaropi. Imediatamente, a mulher Zulmira muito esperta fala que “o Mazaroppi já morreu, onde é que tu vai ver?”

Zulmira contraria a seu filho e seu marido é uma mulher que entende a materialidade concreta e a realidade social e dizendo que os dois estão variados e que ela não vai ingressar nesse sonho de jeito nenhum, fala de lagar de Quinzinho e que está por aqui de filme de Mazaroppi e não é que não é de hoje. Os dois

discutem percebe-se Quinzinho e Neco são sonhadores e que Zulmira tem os pés no chão. O menino Neco é apresentado como uma criança sonhadora tal como seu pai, e imagina o cinema como maior que a Parabólica que a família de seu amigo tem, e ele tem razão. Percebe-se Zulmira como uma pessoa sensata, com a sabedoria da aprendizagem social, das benzimentas, porém que não acesso a educação durante o decorrer de sua vida.

Podemos entender a questão do não acesso dos estudos as meninas, tal como Zulmira, que não teve como a acessar em sua infância, a partir da privação do direito à educação e de um Estado que a nega de determinadas e determinantes formas para o povo, o que se constitui como uma afronta aos direitos humanos das meninas. Destarte, segundo a UNICEF⁴,

A política educacional demorou a constatar que a educação de meninas é fundamental para que um país tenha êxito em promover educação para todos. Nos primeiros anos do movimento de desenvolvimento, quando muitos países acabavam de se tornar independentes, havia um entusiasmo generalizado em relação à educação como fator vital ao progresso de uma nação. Mas a tarefa de educar todas as crianças era enorme. Em 1960, menos da metade das crianças entre 6 e 11 anos do mundo em desenvolvimento estava matriculada na escola primária, e nos países da África ao sul do Saara somente uma criança em cada 20 cursou a escola secundária. Até 1980, apesar de algum sucesso (matrículas para o ensino primário dobraram na Ásia e na América Latina, e triplicaram na África), milhões de crianças ainda estavam fora da escola, a maioria delas meninas. O crescimento acelerado da população frustrava sistematicamente o progresso, ficando à frente do aumento nos números escolares. [...]. A Conferência de Jomtien e o movimento Educação para Todos, que foi criado a partir dela, reconheceram a importância de se suprimir a lacuna de gênero e de tomar medidas especiais para tornar possíveis o ingresso e a permanência de meninas na escola. No empenho louvável rumo à educação para todos, acreditou-se que a lacuna de gênero seria automaticamente reduzida. Na verdade, o resultado não foi exatamente este.

É considerável que no desenvolvimento histórico, uma prática muito comum entre as famílias era o fato de permitir que somente os filhos do sexo masculino frequentassem a escola, alegando que as crianças do sexo feminino queriam ir à escola apenas para aprender a escrever cartas a namorados. Tal

⁴ Disponível em: <http://www.educacionenvalores.org/Meninas-na-escola-uma-forca.html>. Acesso em 24 nov.2022.

condição nos revela dois aspectos fundamentais e, ao mesmo tempo, carregados de estereótipos, estigmas e preconceitos.

Primeiro, encaminhar as filhas para o âmbito escolar proporcionava um ônus, nem sempre possível de ser arcado pela família, em específico, os pobres, em um cenário onde as políticas sociais para a educação, ainda hoje, são escassas. Assim, quase sempre as famílias remetem para uma situação de trabalho doméstico, quando não outro.

De acordo com o E-Journal USA, sobre a Meta de Desenvolvimento do Milênio, dos cento e noventa e seis países do mundo, estimava-se que trinta e um podem não alcançar a paridade de gênero nos índices de matrícula no ensino fundamental, que teve prazo final previsto para 2015.

Os países com os menores padrões de vida e os índices mais altos de analfabetismo costumam ser os países que não fornecem educação para suas meninas. [...] Além disso, a falta de acesso à educação pode acompanhar uma menina por toda a sua vida; dos mais de 700 milhões de adultos analfabetos do mundo, dois terços são mulheres.

Quinzinho leva o filho Neco para pescar, o vizinho compadre Adão pergunta se o menino vai ser pescador ou mentiroso, piada do sitio, conversa de compadre para compadre. Adão é negro e marido de Benedita que também é negra e, são tratados com respeito e dignidade por seus compadres Quinzinho e Zulmira. Quinzinho ensina a tradição da pesca para seu filho Neco, tal como seu pai o ensinou. Benedita é muito amiga de Zulmira e conversa com a sua comadre perguntado sobre a história do filme do Mazzaropi e pergunta se ela vai mesmo, Zulmira diz que está cansada que já está por aqui, e quer largar do Quinzinho, a comadre Benedita faz a mediação, para que eles fiquem juntos, pois aparenta querer muito bem os seus compadres. Enquanto Zulmira estava conversando com a comadre Benedita, o compadre Adão chama Zulmira para benzer uma vaca, o que segundo Zulmira está com mal olhado, a Zulmira interpreta o mal olhado como inveja, e benze “Deus vai Deus vem”. “Vaca amarela, vaca mocha, três cruzeis, santíssima trindade” e reza uma ave Maria junto de seus compadres.

Todos na comunidade rural são crentes nos benzimentos de Zulmira, pois acreditam que é uma cultura de fé, passada ancestralmente de geração em geração.

Zulmira gosta de sua vida no campo, onde tem suas criações, mas acaba cedendo pelo amor ao seu esposo de ir embora para a cidade.

Preparam-se para a aventura da viagem em busca de ver filme do Mazzaropi no cinema da cidade grande. Quinzinho pergunta se Zulmira preparou a comida e tenta alegrar a mulher, dizendo que gosta muito dela. A comadre Benedita traz bolo para a amiga e diz “que São Benedito, Nossa Senhora de Pirapora e Nossa Senhora Aparecida acompanhe vocês”. Zulmira vai contrariada, imaginando a presepada que a viagem vai dar, Quinzinho acha que Zulmira é muito sistemática e diz para o filho: que mulher é problema, traduzindo a cultura patriarcal, passada de pai para filho e seguem acompanhados do burro de carga Policarpo de propriedade da família.

A singularidade cultural brasileira traduziu a legitimidade de afirmar “[...] que se vive a lei do pai” (SAFFIOTI, 2004). A sociedade produz estereótipos culturais, conduzindo e encarregando as mulheres da educação dos filhos, dos cuidados e tarefas domésticas que não são valorizadas pela sociedade do capital. Esses conceitos colocam em evidência interpretações sobre o sentido dos símbolos que tentam limitar e conter as possibilidades da mulher enquanto autonomia e emancipação.

Na estrada chegam à casa do Sr. Marcolino e da Dona Rosa, pedindo pousada, é muito comum pessoas residentes área rural receberem conhecidos para pouso em suas residências, culturalmente visitas são recebidas com alegria e celebração pelos que residem, na maioria das vezes, a Maria que trabalha na residência do Sr. Marcolino é velha conhecida de Zulmira e sabe de seu poder que se traduz no filme pela ancestralidade do benzimento e, os recebem dizendo que a patroa Dona Rosa está precisando deles, pois o bebê da família está tendo problemas e aparenta estar assustado, sempre chorando, o jantar é servido várias pessoas a mesa que fazem a oração antes do jantar.

Silva, Vieira & Oliveira (2020 p. 244) analisam a cultura das benzedeadas e destacam:

Dentre os diversos campos que compõem o Discurso, essas mulheres apropriam-se de conhecimentos e saberes milenares, por meio de ensinamentos que perpassam gerações que possuem o dom da cura

espiritual, cujas práticas da religiosidade tornam-se referências vivas de um processo de aprendizado que se produz através de conjuntos comunitários. Por estarem cotidianamente envolvidas no ato da cura e dos modos de se afirmarem como mulheres que produzem esses ensinamentos, as benzedoras manifestam-se através das preces, dos gestos e das orações, dando significado às suas ações, a exemplo práticas de ensino. Tais aprendizados de cura funcionam como exercício de formação humana, e a eles estão agregados um conjunto de saberes e habilidades que auxiliam o sujeito a lidar com a dor espiritual e física do outro, a partir de um cruzamento entre conhecimentos herdados de e aprendidos por intermédio de uma benzedora mais experiente.

A personagem Maria é interpretada pela atriz Rosi Campos, que durante o jantar diz que o Sr. Marcolino chamou um violeiro para tocar no batizado do filho e que o violeiro foi dormir no quarto de visita e a viola começou a tocar sozinha de madrugada, e que eles não querem mais o violeiro lá na propriedade. Zulmira chega ao quarto de Dona Rosa a pedido de Maria o menino só chora, Dona Rosa pergunta se é mal olhado, a Dona Zulmira relata que suspeita o que pode ser, e que vai ter que dormir no quarto atrás do guarda roupa, e que Dona Rosa vai ter que avisar seu marido para não se assustar com ela. A Maria diz a Dona Rosa a Zulmira sabe o que faz, para confortar a sua patroa...

Os homens vão tocar viola e fazem uma dança caipira própria da cultura brasileira, dançam homens e mulheres. Quinzinho ao ser indagado pelo Sr. Marcolino, diz que está indo atrás do filme do Mazzaropi, o Sr. Marcolino diz que às vezes passa na TV e eles podem assistir na casa dele se quiserem, mas Quinzinho insiste no pagamento de sua promessa. Enquanto isso Neco menino filho de Zulmira e Quinzin assiste TV na casa em que visitam. Maria vê o menino assistindo TV e diz que o pai de Neco, o Sr. Quinzin, falou que é pra ele ir dormir, o menino reclama “eh vida mais ou menos”.

Dona Rosa e Sr. Marcolino foram dormir, o bebê dorme no berço ao lado da cama dos pais, acontece o que Zulmira previa, uma cobra vinha roubar o leite da Dona Rosa que está em processo de amamentação de seu filho e a criança se assustava toda noite quando via a serpente. Dona Zulmira pega a serpente com destreza e faz a reza para Santo Antonio sincretizado e diz que o casal não precisa se preocupar mais e que soltará a cobra no mato depois de desencantá-la, e a mesma irá aparecer para quem fez o feitiço.

Criar Educação, Criciúma, v. 13, nº 1, jan/jun 2024.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

Quinzinho, Neco e Zulmira irão continuar sua jornada, estão de saída e agradecem a hospitalidade, Zulmira ganha um presente do casal Dona Marta e Sr. Marcolino, na saída da família, a cobra aparece na casa de uma mulher que estava na casa do Sr. Marcolino durante a primeira refeição de Zulmira, Neco e Quinzinho; o jantar que foi servido logo após chegarem a essa casa, Zulmira fala não falei para você Maria que é sua amiga.

Durand (2020, p. 325), em pesquisa antropológica de título: Precisamos falar de etnocídio, a partir da etnografia embasada em Marcel Mauss autor conhecido pela sua teoria sobre o dom e o contradom, nos faz o seguinte questionamento “mas porque esse presente recebido deve ser devolvido?”, o que podemos inter-relacionar antropológicamente a questão do presente recebido por Zulmira, que oferece seu dom do benzimento e sem pedir em troca recebe presentes e um carona para ir à busca da promessa de seu esposo. Pois se sabe que a cultura do benzimento vem das raízes dos povos e etnias indígenas que mantém com muita resistência suas tradições que devem ser respeitadas por todos. O valor ético central do filme está na compreensão das diversas e diferentes culturas que perpassam o nosso país e que se incorporam na cultura do caboclo brasileiro e que as personagens do filme transmitem a partir da diversidade cultural.

Porque a natureza do dom é constranger o outro, colocá-lo na situação de devolver com tempo. Não devolver significa ridicularizar-se, humilhar-se e perder o prestígio Há um espírito da coisa dada, uma força inerente e algo de si-próprio, uma parte de si mesmo no objeto. Esses sistemas de dom e da troca são “fatos sociais totais”, ou seja, eles mexem com a totalidade da sociedade e com as suas instituições. É obvio que essa postura é oposta à nossa atitude nos países ocidentais liberais, onde o interesse não é devolver em dobro, mas ao contrário, de ganhar sempre mais, tirando do outro se for preciso (DURAND, 2020, p. 325).

Consegue então, a partir daí carona para a cidade grande em uma caminhonete, o burro Policarpo vai carregado na carreta. A família segue acompanhada do burro Policarpo, na cidade grande em baixo de uma ponte, o que reflete a pessoas em situação de rua, Quinzinho percebe que está com tempo de chuva e a sua família precisa de um lugar para se esconder, pede aos santos que os protejam para que eles achem o filme logo e também para que ele não perca a mulher.

A cultura pós-colonial representa o branco em uma sociedade heteronormativa, etnocêntrica (que considera seu grupo étnico, nação ou nacionalidade socialmente mais importante do que os demais), pautada na cultura patriarcal, onde predomina a visão cujo poder/autoridade é exercido pelo homem sobre a família e, quase sempre, de forma violenta sobre as mulheres (BHABHA, 2008).

Se, atualmente, a questão de gênero se mantém dominante, privilegiando homens, analiticamente se afere que as mulheres sofreram, no decorrer de todo seu tempo, o ápice da violência de gênero a partir do acirramento do paradigma patriarcal representado, muitas vezes, nas formas de autoritarismo e conservadorismo das relações familiares, impostas também pela religião e moral cristã.

O preconceito é latente na cidade maior, ao perguntar para o vendedor onde tem um cinema, o vendedor diz, para que caipira quer cinema. O vendedor tenta ludibriar a família para vender uma TV e Quinzinho com sua sinceridade e simplicidade de homem do campo, fala que não quer, pois quer ir ao cinema pagar sua promessa, o vendedor o chama de Jeca, e então Quinzinho diz “sou Jeca sim, planto meu inhame, que não é batata não, mas vivo no que é meu não sou empregado como você”, e segue com sua caminhada junto sua família, trazendo concepções integradas ao movimento ruralista que é discutido por Patto (1999).

Numa botica o dono do estabelecimento pede para que Quinzinho toque sua viola que carrega em seus ombros desde a saída de sua casa no Sítio, ao cantar Quinzinho acaba encantando Zulmira, que está ainda muito brava, o que se percebe é que ainda existiam estabelecimentos e pessoas que valorizavam a cultura rural, regional, caipira, sertaneja do tido como caboclo brasileiro. Patto (1999), relaciona a questão do estigma do caboclo brasileiro, o caipira a literatura produzida por Monteiro Lobato e os determinantes conjunturais presentes na República Velha em 1914, que concebe o caipira como inadaptável a civilização, o preguiçoso, o indolente, que deve ser tratado por meio da patologia social.

Patto, (1999, p. 104) nos leva a refletir:

No caso específico do discurso educacional, esta representação social do homem do campo transparece não só na crença generalizada e duradoura na indiferença ou aversão das populações rurais pela escola, como também na crença dominante, durante um longo período de que a verminose seria a principal causa do fracasso escolar das crianças das classes populares.

Em sua peregrinação a família encontra em seu caminho um integrante do Movimento Sem Terra (MST) o Mané Charreteiro, interpretado pelo ator Aílton Graça, que relata que está indo atrás da mulher e dos filhos no acampamento, Mané é homem negro, diz que está indo atrás da reforma agrária, o Quinzinho diz com deboche, mas com sua sinceridade, “o governo vai dar terra, mas não dá nem esterco para nós. Pouca gente com terra demais e muito sem terra nenhuma” o fatalismo, tal como o conformismo se encontra presente durante parte do filme, mas adiante também surgem os movimentos de resistência e rebeldia, o que nos prende na tela para interpretar a obra.

O charreteiro se chama Manoel, o mesmo nome do filho do casal protagonista, cresceu numa propriedade rural, ali nasceu, ali se criou, mas tudo se acabou e ficou sem emprego e hoje vive de mascate. Manoel é símbolo de resistência em nosso país, assim como Quinzinho, Zulmira e diversos personagens do filme. Os dois juntam as carroças e prosseguem no caminho juntos conversando sobre a vida sofrida do povo brasileiro como fatalidade.

Zulmira dá uma maçã para Mané charreteiro a pedido de Quinzinho, percebe-se desigualdade racial, o Mané charreteiro que é negro nasceu na fazenda e se criou por lá como empregado, enquanto Quinzinho e Zulmira tem a documentação de sua pequena propriedade rural, Patto (1999, p.97) nos aponta a crítica contra a idealização de democracia racial produzida pela obra de Gilberto Freyre, Casa Grande e Senzala, que levaram o mundo a acreditar que a população negra no Brasil vivia melhor do que os pobres nos países europeus. A autora e confronta o eugenismo que determinava que a população negra fosse vista como inferiormente menos capaz intelectualmente que os brancos, os resquícios da escravatura determinariam os lugares de fala, mas a partir da perspectiva de Caio Prado Jr. que trouxe em sua obra, os sentidos da colonização e posteriormente de Florestan Fernandes, Octávio Ianni, etc. que irão confrontar a integração a sociedade capitalista pelo materialismo histórico-dialético.

Criar Educação, Criciúma, v. 13, nº 1, jan/jun 2024.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

O filme demonstra que muitas pessoas das cidades médias que se tornaram grandes ou metrópoles tiram sarro das pessoas do campo, por vê-los como Jeca, os caipiras, os do mato, o filho Neco está com fome e vê um restaurante Self Service, eles colocam bastante comida no prato, e Quinzinho ainda mais, somente o prato de Quinzinho ao pesar na balança dá Cr\$ 25,00 (cruzeiros) e ele então reclama para Zulmira que fala “você que se entenda com seu esganamento”. A família está acostumada à fartura de alimentos que tinha no sítio. Quinzinho reclama: por isso que o povo da cidade vive assim, mal-humorado, é pouca comida e muita firula, Zulmira fala que tudo é só para comprar roupa, pois percebem como os outros os olham com estranhamento.

Continuam andando e no caminho falam com o Dono de uma Banca de Jornal e Revistas daquelas que tiveram muitas nas décadas de 1960,1970,1980,1990 e começo dos anos 2000, perguntam onde encontram um Cinema com filme do Mazaropi, mas ninguém sabe os informar com clareza. A partir do golpe de 1964, a ditadura militar pela autocracia burguesa pretende devastar a cultura nacional pelo seu projeto de “modernização conservadora no mundo da cultura” (NETTO, 2008).

Entretanto a cultura sempre apresenta resistências e é a partir dela que a sociedade se redemocratiza, Patto (1999) compreende que a modernização está presente no projeto educativo do Brasil desde a Primeira República, desde a ligação dos ideais do liberalismo e sua compatibilidade com o racismo, perspectiva conservadora do aluno anormal, ao aluno problema, que remete a culpabilização dos indivíduos e a criminalização da pobreza, e que a nosso ver, apontam para o êxodo rural e nos anos de 1970 e 1980 a família brasileira se encontrava perdida na cidade grande, os ciclistas, os carros quase passam por cima deles, o individualismo é exacerbado é enfático.

Para Netto, (2008, p. 52):

Na sistemática busca do controle do “mundo da cultura”, a autocracia burguesa procurou integrar a sua política cultural ao sentido global das suas políticas sociais (especialmente às suas políticas educacionais e de comunicação social). Mas a intenção e estratégia equalizadoras nunca asseguraram a inteira administração do “mundo da cultura”: alimentadas pelas tensões entre a sua própria dinâmica e as exigências da autocracia



burguesa, potenciadas pela resistência democrática e pelo movimento popular, as colisões e contradições entre o regime autocrático e o “mundo da cultura” jamais foram erradicadas.

Encontram um descendente de libanês que tem uma loja com o nome de Armarinhos Mazaropi, Quinzinho com sua inocência fica fascinado e pergunta se o dono da loja conhece Mazzaropi, o dono da loja diz que não, que foi seu pai que deu o nome a loja por se fã dos filmes e do ator, decepcionado Quinzinho continua sua caminhada, o homem descendente de libanês diz que “esse é o mais legítimo ‘Jacu do Mato’ que eu já conheci” com ar de satisfação e riso dá o endereço do cinema novo, mas avisa lá eles não passam filme antigos, só no cinema da Igreja passa filme antigos.

Chegam ao Cinema novo, o responsável pelo cinema deixa a família entrar para o garoto dar uma olhada na sala, por pedido enfático do garoto Neco que ficou fascinado com o que vê por fora, então o menino pede para ver, o responsável diz tem que pagar, mas deixará diante da insistência do garoto que fica extasiado com o momento ainda que sinta o frio do ar condicionado que o incomoda um pouco. Não foi ainda dessa vez, pois no Cinema novo não passam mais filmes antigos.

Quinzinho e sua família estão exaustos, Zulmira encontra um cachorro que a protege, e ela o protege, dizendo “que a noite está mais para assombração”. Quinzinho está sem sono e decide ir ao Bar do Ico para perguntar sobre o filme que quer assistir, os violeiros no Bar cantam a música Proparaesquisitono de Zé Mulato e Cassiano: “Eu já derrotei violeiro satânico Que num desafio era diabólico. E para apaziguar este encontro titânico Gastou um exorcista e um chefe católico”, mulheres e homens apreciam a roda de viola tomando cerveja. Quinzinho é chamado para tocar, mas fica envergonhado, pois acha que os violeiros da cidade sabem tocar melhor que ele.

Chega um homem de preto e Quinzinho o reconhece como Sr. Renato o melhor tocador de viola do mundo, o violeiro misterioso fala das cidades que ficaram esquecidas depois da queda da cultura do café, ele diz que se apaixonou por uma mulher de lá do interior, a mulher veio com um café e um bolo quente, a mulher



insistiu, ele desconfiou e deu para o cachorro, então o cachorro hoje mora com essa mulher, pois se apaixonou por ela, os dois dão risada da situação.

O Renato pergunta se Quinzinho pensa em fazer acordo pra tocar viola igual a ele, Quinzinho pensa: “Compro um cinema e vou direito pro quinto dos inferno, Deus me livre guarde”. Quinzinho pergunta se Renato fez acordo com o “coisa ruim”, então olha para uma mulher que está bebendo aproveitando sua liberdade com os amigos e se ludibria dizendo que topa ir com homem misterioso, eles caminham a noite até a encruzilhada topam com um porco e patos que passam por eles.

O Renato reaparece como uma figura mitológica metade animal, metade humano, com patas de cavalo ao invés de pernas, como se fosse uma besta, Quinzinho segue... Assusta-se com a situação e desiste do acordo, e segue apavorado, gritando correndo pelas ruas, pedindo socorro; acorda a família de madrugada na charrete e pega seu filho Neco e o leva para Igreja, Zulmira diz atenta ao que está acontecendo calcule só prosopopeia.

Zulmira chama Quinzinho para tomar café da manhã e a mulher que serve o café diz que um bocó como nunca se viu por aqui foi atrás “do coisa ruim” durante essa madrugada e ninguém sabe mais dele, a mulher dá risada da situação, Zulmira na hora percebe o que aconteceu. A mulher que os recebeu para o café da manhã dá uma vara de pescar para Quinzinho e Neco, eles agradecem pelo gesto bom.

Ao estarem pescando em uma lagoa aparece Gabriel que é interpretado pelo ator Jackson Antunes, deseja boa tarde, perguntando se pode aproveitar o fogo e a companhia deles, constatando que não conseguiu pescar nada, então eles lhe oferecem o que comer, como a maioria das famílias simples do sítio recebe suas visitas dividindo o que tem.

O Gabriel relata vem trazendo uma encomenda, a demonstrando para a família, que se trata de uma cobra coral, em um balaio como se fosse um encantador de cobras. Neco e Zulmira ficam assustados e recuam com medo, Gabriel fala que pode ajudar ele a ser um dos maiores tocadores de viola, mas precisa fazer o que ele mandar, no começo Quinzinho recua. Mas Neco fala que o

pai está com medo e Quinzinho se sente desafiado diante da questão e fala para Gabriel voltar e mostrar a simpatia.

Gabriel tira a botina as meias estão rasgadas nos dedos, o menino Neco dá risada e é repreendido pelos pais. Quinzinho é do interior e Gabriel diz que tem que ser muito macho para passar a cobra no meio dos dedos, Zulmira fala para ele parar de ser ganancioso, Neco fala que tem que ser macho pai. Quinzinho pega a cobra e diz então que Jesus me ajude e Gabriel faz a simpatia com a cobra coral relatando que o mesmo está mostrando que é um homem muito corajoso vai ser um grande violeiro. Gabriel vai embora e pede para louvar São Gonçalo quando tocar a viola, Gabriel esqueceu a bota, eles vão atrás, mas ele some feito fumaça na paisagem. O menino Neco passa a usar as botas do Gabriel, Zulmira pede para ir embora já que agora ele é um grande violeiro. Quinzinho começa a tocar muito bem, a ganância vai falando alto tal como diz Zulmira, muitas pessoas param para ver Quinzinho tocando viola com sua família ao lado e dão dinheiro no chapéu passado pelo filho Neco. A família arrecada dinheiro com a viola e Quinzinho é aplaudido. Zulmira sempre sensata propõe, a gente agora pode procurar um lugar pra comer, e um lugar para dormir pé com pé, o casal tem carinho um pelo outro, a Zulmira chama Quinzinho de bocó, mas o ama, e seu filho Neco que diz “o amor é lindo”...

Avistam um restaurante estão com fome e dizem que o povo da cidade está sempre com pressa o garçom não lhes dá atenção, atende os outros pela aparência social, Aparício interpretado pelo ator Paulo Betti observando as conversas familiares na mesa, puxa conversa e que diz que esse povo é mal educado mesmo, no desenvolver fala que é primo do Mazaropi o que deixa Quinzinho em sua inocência de homem do campo achando que irá agora cumprir com a promessa de seu pai, Aparício diz que sua mãe era prima dele, Zulmira não acredita e fala com Neco e o menino diz “eh mãe ocê, vamo ouvir o homem ali oh”, o menino é a cópia reproduzida do pai, tendo suas particularidades e singularidades que o diferenciam em algumas situações.

Zulmira está com uma canseira diferente, diz para o marido, talvez esteja falando do período menstrual ou de algum pressentimento e relata que não gosta quando sente a canseira diferente, mas o marido não a entende, e a chama para ir

Criar Educação, Criciúma, v. 13, nº 1, jan/jun 2024.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

com Aparício ver o filme do Mazzaropi. Aparício tal como uma metáfora aparece na vida deles e os levam até uma propriedade rural onde está situado um Acampamento do MST, o enganador relata onde passa o filme que eles querem assistir, mentindo que a casa da frente é dele, mas o que Aparício está interessado é no burro de carga Policarpo e nas bagagens da família, Zulmira nunca é ouvida fala, presente o perigo, mas Quinzinho não a ouve, age patriarcalmente e vai ao acampamento ver o filme deixando seus pertences com Aparício.

Segundo Comparato (2001, p. 105):

O MST surgiu da reunião de vários movimentos populares de luta pela terra, os quais promoveram ocupações de terra nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul, na primeira metade da década de 80. Oficialmente, o MST foi fundado em janeiro de 1984, na cidade de Cascavel, no Estado do Paraná, por ocasião do Primeiro Encontro Nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, com 80 representantes de 13 Estados. Atualmente, o movimento está presente em 23 dos 26 Estados da federação, e é capaz de organizar manifestações em duas dezenas de capitais simultaneamente. Pelas últimas estimativas, os efetivos do MST se elevam a 350 mil famílias assentadas e 70 mil famílias em acampamentos, o que representa cerca de 1,5 milhão de pessoas.

O Quinzinho pergunta na brigada do MST sobre o filme do Mazaroppi e os brigadistas ficam desconfiados, mas ele diz que é amigo do Mané Charreteiro, e este que vem ao encontro da família, falando que não passa filme do Mazaropi ali, mas tem um filme importante e depois que assistir pode aprender alguma coisa com ele. Mané apresenta sua mulher Maria Sebastiana e diz que um de seus filhos está com um febrão, o que pode ser devido à falta de saneamento, contida nos acampamentos do MST e de um Estado que não garante proteção integral a crianças, adolescentes e suas famílias pauperizadas. Quinzinho diz que a esposa Zulmira é benzedeira e a mesma vai ver o filho de Mané com Maria Sebastiana.

Segundo Silva (1996, p.105):

A questão agrária se alia hoje a uma série de “outras” questões, como a questão energética, a questão urbana e a questão das desigualdades regionais. Ou seja, a questão agrária permeia hoje uma série de problemas fundamentais da sociedade brasileira. No fundo, todos eles têm a ver com o caráter parasitário que atingiu a forma específica como se desenvolveu o capitalismo neste país.

MST *a luta é pra valer* é o tema do filme, que mostra a conjuntura adversa do Brasil em relação ao contexto político, social e a distribuição de terras e renda, da propriedade dos meios de produção, a família de Quinzinho toma o maior susto de suas vidas, pois o latifundiário proprietário, manda a polícia no local que chega atirando em todos, as crianças fogem com medo, Mané Charreteiro que tenta defender as crianças, se revolta contra a situação, gritando, pedindo por justiça, então a política age como instrumento coercitivo do Estado e da burguesia e o mata com um tiro no peito, as crianças se perdem correndo da polícia, onde estará Neco nessa hora?

Quinzinho se desespera dizendo que “são todos loucos, vcs são todos loucos” Maria Sebastiana chora a morte do seu Mané com os brigadistas. A família em situação de desespero se pega procurando Neco, que sumiu junto com as outras crianças, o acampamento MST foi derrubado e queimado pela autoridade da polícia, do latifundiário e do Estado opressor que age com truculência e políticas punitivas. Uma mulher bem intencionada fala para Zulmira procurar o filho no centro de SP que é onde eles levam as crianças que se perdem em acampamentos do MST.

Silva (1996, p. 105-106) nos direciona ao entendimento do filme afirmando que a reforma agrária é bandeira de luta, e expressa à reivindicação dos trabalhadores rurais pela apropriação dos frutos de seu trabalho, os trabalhadores devem ter direito ao resultado de sua produção. Eles devem possuir o direito de apropriar-se dos frutos de seu trabalho e não somente trabalhar. A reforma agrária deve questionar a forma que assumiu o desenvolvimento capitalista, que ocasiona a crise social. Mas, para qualquer “pacto social” a ser estabelecido na direção da luta de classes irá requerer o isolamento dos latifundiários e o atendimento das demandas dos trabalhadores rurais em sua integralidade, conforme Veiga (1990, p. 83).

Zulmira tenta procurar o Aparício e percebe que realmente foram enganados, tal como pressentia, e pede ajuda de Nossa Senhora. Quinzinho foi preso por badernagem, está entre as grades na delegacia, o delegado o entrevista, diz que ele é arruaceiro, e que vem de longe fazer confusão na terra dos outros, Quinzinho se defende e diz veio de longe para passear, o delegado responde: fica

quieto e escuta e responde só se eu perguntar. O delegado pergunta para Quinzinho “Você sabe ler e escrever?”, o mesmo responde diante dos poucos estudos que teve acesso, pois se percebe desde o começo do filme que o homem do campo lê com dificuldades, o delegado o chama ignorante, e diz: mas fazer arruaça na terra dos outros sabe.

Neste trecho percebe-se que o fracasso escolar é determinado pelo Estado a partir da teoria da carência cultural, explanada pelo delegado como se Quinzinho fosse um incapaz de aprender as regras do sistema capitalista, o que se constata tal como afirma Patto (1999, p. 57) a escola pública é uma escola adequada aos alunos de classe média e o professor tende a agir em sala de aula tendo em mente o aluno ideal. Mas para Quinzinho e sua esposa Zulmira que não tiveram praticamente acesso a educação? Um advogado do Movimento MST chega e faz a defesa pessoal do Movimento, e ressignificando que a lei já mudou, então o homem do campo é solto. Quinzinho encontra Zulmira na porta da delegacia e ela diz que o menino foi perdido e provavelmente levado para São Paulo.

Quinzinho fala para Zulmira ir para a casa e sua tia Malvina com o dinheiro que tem e que vai encontrar Neco. Um caminhoneiro é avistado e Quinzinho pede carona, o mesmo diz que violeiro é sempre bem vindo. O caminhoneiro de nome Jeremias, interpretado pelo saudoso ator Paulo Goulart, fala que a reforma agrária não foi feita no Brasil e os Sem Terra se multiplicaram e só conseguiram alguma coisa porque aprenderam a fazer barulho. Quinzinho diz que perdeu o filho e que vai para Aparecida em São Paulo, fazer uma promessa para encontrá-lo. O caminhoneiro fala que Quinzinho vai ter que fazer barulho para achar seu filho, o caminhoneiro simpático canta uma música do Mazzaropi “botei o meu boi no carro e não tinha nada para carregar”, os dois cantam juntos. Ao final orienta o trabalhador rural, você vai encontrar o seu filho Neco, mas o filme do Mazzaropi só por milagre pra você achar.

Ao chegar a Aparecida em São Paulo, na capela cistina é cantada a música “Sou caipira Pirapora Nossa Senhora de Aparecida ilumina”..., Quinzinho reza chorando na Igreja maior, Igreja tão grande para ele que diante a imensidão faz a prece para achar o seu único filho, que ele é o mundo para ele, e sem ele o mundo

acaba para ele e para Zulmira. Que Zulmira não queria, mas ele que quis vir nessa aventura e promete que se achar o menino, vem com Neco mais Zulmira pra entregar a viola a Nossa Senhora Aparecida.

Quinzinho segue na procura de seu filho Neco na Rua, mas o mesmo está sendo explorado no sinal de trânsito, vendendo coisas para terceiros maiores que ele. São tempos da execução Código de Menores de 1979, de instituições repressivas como a FEBEM e a FUNABEM, em que crianças e adolescentes não são vistos pelo Estado enquanto sujeito de direitos em sua integralidade.

O Código de Menores de 1979 também adotou uma ótica punitiva em relação às crianças e adolescentes considerados abandonados, numa prática que responsabilizava as famílias das crianças pobres por condições que advinham do não cumprimento do Estado em fornecer, o acesso a serviços básicos. A ausência de uma estrutura básica fornecida pelo Estado dificultou, assim, o acesso ao direito a convivência familiar e comunitária, situação que foi intensificada pela culpabilização da criança e adolescente por sua situação de vulnerabilidade, notadamente os indivíduos negros e pobres (FARIAS, 2020).

Quinzinho visita uma Casa de Acolhimento Provisório para crianças e adolescentes, mas não encontra seu filho, as casas de acolhimento integravam o sistema de proteção para crianças e adolescentes das classes populares, que se encontravam pauperizadas, diante de um Brasil que produzia o progresso para a burguesia e a desigualdade social contida nas expressões da questão social como a fome, o abandono escolar, a exploração infantil e as desigualdades sociais, que são frutos do próprio modo de produção capitalista e não da carência cultural da população.

O neopentecostalismo estava se acendendo no Brasil e Quinzinho vai para um culto que se volta a pagamento do dízimo, e o pastor fala que o Cinema é coisa do diabo, e que na Igreja funcionava um cinema, aspecto esse traduzido no mercantilismo cristão. Quinzinho curioso vai até a secretaria da Igreja, a secretária pergunta se Quinzinho quer pagar o dízimo observador ele pede para ver os arquivos do Cinema e mesmo com sua dificuldade de ler, produto do fracasso escolar que é produzido pelo Estado burguês e pelo capitalismo moderno, acha uma

Criar Educação, Criciúma, v. 13, nº 1, jan/jun 2024.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

lata com o filme Jeca Tatu, grita de alegria, e a secretaria da Igreja fala aqui é casa de Deus, alegre Quinzinho pergunta se pode levar a lata com o filme, a Secretária fala ah, o Sr. quer levar, poder levar tem um saco aí, é um favor que você me faz.

Quinzinho chega à noite em frente ao Cine Pathé e com a alegria de ter descoberto onde estava o filme que tanto procurou, encontra Neco seu único filho e atribui como um milagre de Nossa Senhora Aparecida, em frente ao cinema o menino e o pai se emocionam no reencontro. Quinzinho traz o Neco para perto de Zulmira na casa da Tia Malvina, chega gritando, emocionado, dizendo que achou o filho todos se abraçam com saudades e comemorando a alegria de ter o menino consigo.

Novamente no Cine Pathé, Quinzin, o protagonista do filme, leva a lata de filme e pede para falar com o Dono do Cinema, o funcionário o trata com ignorância e preconceito, o homem do campo é visto como o 'Jacu do Mato', o 'Jeca Tatu', e o responsável pelo cinema diz rigidamente que é filme antigo e não vai passar, e que só falta querer que coloque um tapete vermelho para eles entrarem no cinema. Quinzinho fica revoltado e grita com o pessoal do cinema, o filho pede para ele ter calma, palavras de baixo calão que trazem a revolta do homem do campo, que teve sua cultura diluída e tomada com preconceito autoritário pelo povo da cidade.

Tudo que era deles o Estado tentou retirar, as terras aos poucos lhes foram retiradas, a cultura tida como Jeca é errada, sem educação, sem cultura, errada porque denuncia o Estado e sua ideologia padronizadora aniquiladora do homem do campo, o pequeno produtor rural, sem escolaridade, sem oportunidades, mas com a sabedoria traduzida de pais e mães para filhos, do caipira vem à insubmissão a modernidade e lógica capitalista do consumo desenfreado sem respeito ao meio ambiente e a terra que produz os frutos de sua lavoura. E do caipira, também vem à resistência do Estado burguês em lhes oferecer uma educação, na qual não sejam estereotipados, estigmatizados e oprimidos, que acaba os culpando pela situação de não acesso à educação em condições de igualdade, o pequeno produtor rural se contrapõem aos latifundiários que nesse viés pelo processo de modernização conservadora muitas vezes venderam suas terras a

preço abaixo do mercado, produzindo o êxodo rural e a acumulação de riquezas e produção para os Donos do Poder.

Quinzinho se acorrenta então em frente ao Cinema e segue o conselho do caminhoneiro Jeremias, em sua forma de interpretar particular, trazendo elementos aprendidos de maneira diferente do que ouviu a partir de Jeremias que disse que era impossível ver Mazzaropi no Cinema, então segue fazendo barulho para atenção de todos para que ele cumpra a promessa feita a seu velho pai. A mídia expressada pela no filme TV junto à revolução da antena Parabólica, chega ao local em que Quinzinho está acorrentado, na entrada do Cinema Novo, o protagonista diz que quer ver o Dono do Cinema, sua história passa a ser contada na TV, a Tia Malvina interpretada pela atriz Cássia Kiss a vê junto de Zulmira na TV, o jornalista diz que o Cinema poderá exibir o filme do Mazzaropi à noite, o homem do campo está em rede nacional.

O Dono do Cinema interpretado pelo ator Cacá Rosset é representado por um homem com charuto na boca e que quer se promover politicamente a partir da estória e faz um discurso articulado intencional de que Mazzaropi é o Carlitos brasileiro, e fará a sessão de graça para todos, mas que para isso Quinzinho tem que desocupar a entrada do cinema, repete três vezes para o protagonista, como se Quinzinho não tivesse sabedoria e interpretação das palavras da cidade grande, mas Quinzinho lança a ideia fundamental do filme “eu saio, mas tu tem que colocar um tapete vermelho na entrada, o que entendemos como a valorização das famílias e demandas do campo, a partir do Tapete Vermelho tão entronizado pelas edições do Oscar em Hollywood. O Dono do Cinema não acredita na sacada genial, pois esta o confronta, e então Quinzinho que é aplaudido pelo povo e visto em seu protagonismo.

Prima Malvina vem junto com Zulmira e Neco assistir o filme Jeca Tatu, Quinzinho e família saem aplaudidos pelo povo. Todos assistem, todos riem, é a materialidade estética da comédia, a cara de alegria de Neco é de satisfação, encantamento e felicidade, “botei o meu boi no carro e não tive nada para carregar” canta o menino Neco. O personagem Jeca Tatu, bem como, Quinzinho traz consigo a cultura que fora deserdada pela ditadura militar e seu preconceito contra o homem

do campo, o produtor agrícola polivalente da perspectiva capitalista, pequeno produtor rural que o êxodo rural e as dificuldades de sobrevivência no campo quase exterminaram suas raízes. E Milton Santos (2018), nos demonstra que com a modernização agrícola o consumo produtivo tende a se expandir e a representar uma parcela importante das trocas entre os lugares da produção agrícola e as localidades urbanas interpretando que a urbanização crescente é uma fatalidade neste país, ainda que essa urbanização se dê com o aumento do desemprego, do subemprego e do emprego mal pago, e a presença de volantes nas cidades médias e nas cidades pequenas.

Aspectos centrais do filme que podem ser desenvolvidos em sala de aula

Quinzinho chega com sua família de volta ao interior, em sua pequena propriedade rural e tenta convencer Zulmira a viajar com ele para cumprir a promessa para Nossa Senhora Aparecida, e que o menino Neco tem que conhecer a Igreja para virar um homem de fé e trabalhador tal como aponta a ideologia do progresso, ou seja, o projeto da ditadura militar pautado no progresso, no empreendedorismo, na empregabilidade sem direitos está sendo consolidado.

Zulmira fala novamente que não vai nem morta. A roça é o mundo dessas pessoas, entretanto a partir dos anos 1980 presenciou-se no Brasil um preconceito autoritário e exacerbado que tentou destruir o mundo cultural dos pequenos produtores de terra, levando as propriedades pequenas a se agruparem aos latifúndios, sendo vendidas a preços abaixo do mercado para os latifundiários, quase que gratuitamente.

Das antigas Ligas Camponesas em Pernambuco, das vinculações com a teologia da libertação e movimentos em defesa da construção dos direitos de cidadania, MST surgirá no começo da década de 1980, no entanto o Estado opressor matou e ainda mata muitos de seus integrantes. O filme demonstra a truculência do Estado e a luta do povo para que possam ter direitos básicos de cidadania e humanos garantidos. As crianças filhas desses pequenos agricultores e

dos assentamentos tiveram pouco acesso à escola e a formação para que pudessem melhorar sua qualidade de vida.

O fracasso escolar é proveniente do fracasso capitalista que pelo Estado burguês privilegia uma classe em detrimento de outra, as classes populares, e ainda não atua na perspectiva de uma educação libertadora e inclusiva. Dessa forma, compreendemos que a escola deve ser vislumbrada a partir do entendimento dos diferentes padrões culturais. De acordo com Heller (2016, p. 9), os preconceitos se ultrageneralizam inúmeras vezes na sociedade estereotipando o que a sociedade movida pelo modelo capitalista de produção personifica como não adequado, ou seja, na vida cotidiana a unidade imediata do pensamento e ação se expressa e se identifica com o verdadeiro e o correto, onde as pessoas na maioria das vezes costumam orientar-se num complexo social dado através de normas e estereótipos.

A escola reproduz os estereótipos cultuados durante séculos pelos currículos escolares e legislações educacionais, seja pela influência neoconservadora, de teorias positivistas, eugênicas, constelação familiar, a fenomenologia traduzida pelo personalismo e tal como aponta Patto (1999), a teoria da carência cultural que busca enquadrar os indivíduos em seu “mundo da cultura” e que por fim os segregam, estigmatizam e dificultam a passagem pela escola de indivíduos sociais que são nossos alunos e que apresentam suas singularidades e particularidades e que podem romper com os rótulos do capitalismo na escola.

Como profissionais e educadores coerentes, e compromissados com as classes populares, devemos ter a sensibilidade de um pesquisador, e compreender a dinâmica das relações sociais de baixo para cima, de não se trata de hierarquizar, mas entender que a partir do lugar que o “outro” ocupa na sociedade, este sofrerá os impactos discriminatórios de maneira diferenciada, e de que, as pessoas moradoras do campo, em sua simplicidade rural, sentiram e ainda sentem esses impactos a partir da construção de sua identidade na sociedade de classes e na estrutura da sociedade que faz com que as arbitrariedades, coerção, intolerância e injustiça se apresentem na vida cada indivíduo que de maneiras distintas.

Assim, podemos superar o fracasso escolar na compreensão dos aspectos inerentes a nossa postura de mediação com nossos alunos, junto às

singularidades, e as particularidades da comunidade escolar em que atuamos, para chegarmos o mais próximo da totalidade. Compreendermos a diversidade, a pluralidade e a importância de protagonismo dos alunos e sua vida escolar em territórios inerentes classes populares e áreas rurais, a partir de suas leituras de mundo, que junto à classe escolar compreenderão a superação de situações problemas embasadas pela consciência, coerência e competência do profissional/educador que se articula pela via da educação para todos, para que a sala de aula materialize sonhos e criticidade, tal com na música de autoria de Rita Lee e Tom Zé do álbum da banda Os Mutantes (1969):

Astronauta libertado
Minha vida me ultrapassa
Em qualquer rota que eu faça
Dei um grito no escuro
Sou parceiro do futuro
Na reluzente galáxia

Música essa, tal como o enredo do filme retrata o caipira do futuro, e as contradições a serem superadas, pois o filme Tapete Vermelho provoca para o entendimento dos sentidos do Brasil, da superação de preconceitos e juízos de valor e das determinações do fracasso escolar.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi. **Como o Novo Entra no Mundo**: O espaço pós-moderno, os tempos pós-coloniais e as provocações da tradução cultural. In: **O Local da cultura**. Belo Horizonte, UFMG, 2008.

COMPARATO, B. K. A ação política do MST. **Revista São Paulo em Perspectiva**, Volume: 15, Número: 4, Fundação SEADE, SP: 2001.

DURAND, V. Precisamos falar de etnocídio. In: APURINÃ, Kwawá Kapukaya; SCANDOLA, Estela Márcia (Orgs.). **Povos indígenas no Brasil: direitos, políticas sociais e resistências**. 1. ed. Porto Alegre, RS: Nova Práxis Editorial, 2020.

EJOURNAL USA. **Educação de mulheres e meninas**. Jun 2011. Disponível em: http://photos.state.gov/libraries/amgov/30145/publications-portuguese/Educating_Women_and_Girls_0611p.pdf Acesso em: 15 fev. 2015.



Unahce
Unidade Acadêmica
de Humanidades,
Ciências e Educação



Criar Educação, Criciúma, v. 13, nº 1, jan/jun 2024.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

FARIAS, E. A. **A entrega do(a) filho(a) à adoção**: realidade e desafios ao atendimento profissional. Porto Alegre: Nova Práxis Editorial, 2020.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção questões de nossa época).

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 11ª ed., São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. (Tradução Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder).

LEE, R.; Zé, T. **2001 (Dois mil e um)**. In: Álbum Mutantes. Os Mutantes: Polydor 1969.

NETTO, J. P. **Ditadura e Serviço Social**: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. . São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. (Coleção Brasil Urgente).

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. 5. ed., 4. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018. (Coleção Milton Santos).

SILVA, J. G. **O que é questão agrária**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996. (Coleção Primeiros Passos).

SILVA, N. F. N.; VIEIRA, N. C.; OLIVEIRA, M. V. As práticas de cura das benzedeiras da amazônia paraense: saberes, identidades e lugares de gêneros. **Revista Ártemis**, vol. XXIX nº 1; jan-jun, 2020. pp. 243-259.

TAPETE VERMELHO. **Filme**. Gênero comédia. Distribuído por Pandora Filmes. Lançamento em 14 de abr. 2006.

VEIGA, J. E. **O que é reforma agrária**. 13º ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990. (Coleção Primeiros Passos).

UNICEF. **Meninas na escola, uma força positiva única para o desenvolvimento**. Disponível em: <http://www.educacionenvalores.org/Meninas-na-escola-uma-forca.html>. Acesso em 24 nov. 2022.

Recebido novembro 2022.

Aprovado agosto 2023.